



PECUÁRIA

Leite não deve reduzir patamar de preços, avalia Sindilat

Diego Nuñez
diegon@jornaldocomercio.com.br

O novo vilão da inflação continuará não deixando barato para as famílias brasileiras. Nos últimos meses, o leite alcançou patamares de preços nunca antes vistos e passou a ser um item de peso na cesta básica. Hoje, com pouco produto disponível, o setor deve recuperar estoques a partir de novembro, principalmente pelas safras de Minas Gerais e Goiás. O rebalanceamento de oferta, porém, não será suficiente para reduzir o valor no varejo.

“Eu entendo que o patamar (do preço do leite) é outro. Se efetivamente nós voltássemos ao patamar de 2021, seria bastante preocupante (para o setor). Temos que ter esse cuidado, apesar de saber que ao consumidor é importante ter uma questão de preços acessíveis. Sabemos efetivamente que o leite de caixinha, o leite em pó, o queijo mozzarella ou lanche são produtos de consumo de massa e no momento que aumenta o consumidor tem que fazer algumas escolhas”, afirma Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat).

Segundo ele, o aumento observado representa perdas sofridas pelo setor ao longo de 2020 e 2021 com o aumento acentuado dos custos de produção na cadeia leiteira. Outro fator que compensou para a alta observada durante o ano foi a impossibilidade de complementar o estoque interno com importação de matéria prima da Argentina e do Uruguai.

“O ano de 2021 foi muito difícil para indústria e produtores. Em 2020, durante a pandemia, foi de total incerteza. Na época, o setor leiteiro e de derivados foi um dos únicos que não repassou. O ano de 2022 iniciou de maneira ruim, inclusive com o abandono de algumas prioridades de leite. A situação foi agravada também pela estiagem. Em outros anos, o período



Com a reposição de estoque da produção de Minas Gerais e Goiás, a partir de novembro, deve haver uma estabilização nos valores cobrados



Sindilat mostra preocupação com subprodutos no setor, diz Palharini

de entressafra foi abafado pela disponibilidade de leite em pó da Argentina e do Uruguai. Esse ano, empresas como as de chocolate foram buscar e não tinha produto disponível por causa da estiagem. Então, o setor teve que repassar preços”, explica Palharini.

O que pode ocorrer a partir de novembro, com a reposição de estoque da produção de Mi-

nas Gerais e Goiás, é haver uma estabilização. Isso significa que, mesmo não ficando mais barato, o leite ao menos não deve ficar ainda mais caro.

“O mercado deve passar por uma acomodação. Em novembro começa a safra de Minas Gerais e Goiás, que responde por 60% da produção nacional. O setor de leite ainda consegue ter um aumento de oferta muito

mais rápido do que outros setores”, prevê o secretário executivo da entidade.

Com a disparada nos preços, começaram a surgir no varejo diversos produtos alternativos que pretendiam substituir o leite na cesta básica da população, principalmente com alvos nas classes de baixa renda. São produtos à base de soro, um subproduto da fabricação de queijo, que leva embalagens muito parecidas com as de itens que levam leite em sua composição. A questão preocupa o Sindilat.

“Existe espaço no mercado para todos. São nichos. Mas nossa indústria tem uma responsabilidade muito grande de manter as famílias e pensar nas crianças. Nós defendemos que se tenha uma norma específica para esses produtos. O consumidor não pode ser enganado. Ele tem que saber o que, de fato, tem no produto. Queijo que não é de vaca não pode ser queijo. Leite a mesma coisa. Se

é um suco, um preparo, uma mistura, precisa ter o nome correto para esses produtos para que o consumidor tenha clareza no que está consumindo”, afirma o vice-presidente do sindicato, Alexandre Guerra.

Mesmo com baixa oferta interna, o setor busca alternativas de exportação para equilibrar as contas das famílias produtoras. Diferentemente de setores agro, como os de grão e proteína animal, o segmento de leite não movimentava grandes volumes de venda externa. O foco nesta área é em produtos que tenham qualidade, com valor agregado e que não está preso à commodity.

“Estamos como um país ainda de balança importadora. Mas, ao mesmo tempo, sempre buscamos mercado externo pois há outros países com necessidade de serem importadores. Trabalhamos em cima disso. O Brasil exporta para mais de 50 países, mas em volumes menores”, aponta.

TÂNIA MEINERZ/JC

TÂNIA MEINERZ/JC

TECNOLOGIA

RS Innovation é lançado com participação de startups

A iniciativa que nasceu na Expointer agora será itinerante

Maria Amélia Vargas
economia@jornaldocomercio.com.br

Após um primeiro fim de semana com mais de 8 mil visitantes circulando pela casa da Federação Brasileira das Associações de Criadores de Animais de Raça (Febrac) na Expointer, o RS Innovation Agro (ecossistema de startups, agrofintechs e novas tecnologias) foi lançado oficialmente ontem. Durante a cerimônia de abertura, o presidente da entidade, João Francisco Wolf, anunciou que a iniciativa percorrerá o Rio Grande do Sul durante o ano.

“Esta ação veio para ficar e para ser itinerante, levando o futuro da tecnologia para os principais eventos rurais do Estado. Já somos presença confirmada em novembro na Universo Pecuária, em Lavras do Sul”, afirma Wolf.

Parceiro na realização do espaço, o secretário estadual de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict), Alsones Balestrin, destaca que “a Expointer



Governador Ranolfo Vieira Junior participou do lançamento no parque

é um showroom do nosso agronegócio sobre todos os aspectos, e agora será um polo de divulgação do que ocorre de inovação neste segmento”.

Entre os estandes, as startups participantes do programa de aceleração BanriTech fazem pitches das suas soluções no local até o final da feira. Conforme o presidente do Banrisul, Cláudio Coutinho, a intuição fez questão de contribuir para a ideia.

“Dado que a economia gaúcha tem 40% do Produto Interno Bruto (PIB) no agronegócio, ofertamos aqui uma

parcela importante de incentivo e estímulo à inovação.”

O dirigente lembra que o banco faz este ano o maior investimento da sua série histórica na Expointer, disponibilizando R\$ 7 bilhões para crédito do Plano Safra 2022/2023.

O espaço – que conta também com o patrocínio do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e do SebraeX – concentra 68 startups, nove hubs do agro, 10 empresas expositoras, oito empresas e entidades parceiras e cerca de 100 palestrantes.

Bancos de fomento têm encontro na Casa do BRDE

Identificados por uma missão em comum de apoiar projetos com impacto no desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul, a Casa do BRDE na Expointer foi palco de encontro das instituições financeiras públicas controlados pelo governo do Estado. Como anfitrião do encontro ocorrido ontem, o diretor de Planejamento do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), Otomar Vivian, ressaltou a importância da integração entre as equipes dos três organismos de fomento. “Esse trabalho conjunto fica como um legado, uma vez que já atuamos em parceria em muitos projetos através das linhas de créditos que cada banco oferece”, disse o diretor através de nota enviada pela assessoria de imprensa.

O presidente do Banrisul, Cláudio Coutinho, e a diretora-presidente do Badesul, Jeanette Halmenschlager Lontra, estiverem presentes acompanhados de integrantes das respectivas diretorias. Além

de outros setores da economia gaúcha, os três bancos públicos atuam com força no financiamento do agronegócio, o que contempla operações com produtores rurais, cooperativas e agroindústrias.



Três bancos públicos atuam com força no financiamento do agro

CAMPO

Semana começa com presença de 12 mil alunos

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Com termômetros marcando 9°C, a Expointer abriu os portões ontem como era tradição antes da pandemia: cheia de estudantes. Isto porque excursões de alunos têm gratuidade no acesso ao Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, até esta terça-feira (30).

A feira recebeu a inscrição de 124 instituições, conforme a organização. Serão quase 12 mil alunos dos ensinos Fundamental (a partir do 5º ano), Médio, Técnico e Superior participando da mostra. Alguns alunos, inclusive, apresentarão trabalhos durante a programação. É o caso de turmas da escola rural São José do Maratá, em São José do Sul. Às 9h, dois ônibus

chegaram a Esteio com 80 alunos e cinco professores da instituição.

Bianca de Vargas, professora de História, conta que um grupo participou da atividade Exposição de projetos das Escolas Agrícolas, onde falou sobre aquaponia, um sistema de produção de alimentos que combina a aquicultura convencional com a hidropônia em um ambiente simbiótico.

A programação da Expointer ontem foi intensa. Entre as atrações, ocorreu a abertura do RS Innovation Agro e painel sobre “Políticas públicas de fomento ao agronegócio” (matéria ao lado); o levantamento objetivo da safra de soja 2021/2022 e projeção da safra de trigo 2022; Noite do Assado 1% e um show com o Gaúcho da Fronteira.



Em dois dias da feira, excursões têm gratuidade no acesso

JC e Fapergs entregam Prêmio O Futuro da Terra

O **Jornal do Comércio** e a Fapergs entregaram os troféus aos vencedores do Prêmio O Futuro da Terra na noite de ontem, no auditório da Farsul, na Expointer. Antes da cerimônia, houve um coquetel na Casa JC. A distinção é muito aguardada, pois valoriza a pesquisa no setor agropecuário. Amanhã um caderno especial com 12 páginas circulará com os detalhes dos projetos agraciados.

Confira os vencedores:

- Cimélio Bayer - Ufrgs
- Claudio Fioreze - IFRS
- Dirceu Agostinnetto - UFPel
- Mara Grohs - Irga
- Marisa Ribeiro de Itapema Cardoso - Ufrgs
- Manoela Bertagnolli - Sementes Butiá
- Ricardo Ramos Martins - Emater
- Vinicius Farias Campos - UFPel
- José Miguel Reichert - UFSM
- Vanderlei Neu - Produtor
- Zeit Análises Químicas - Incubada na UFSM

AGRICULTURA

Área de cultivo do arroz deve cair 10% nesta safra

Levantamento do Irga aponta intenção de semeadura de 862,4 mil hectares com o cereal no Estado, como alternativa à oscilação de preço

Claudio Medaglia
 economia@completaraquioemail

Soja avançando sobre as lavouras de arroz é o que se verá nesta safra gaúcha de verão. O movimento, que deve provocar redução de 10% na área cultivada com o cereal em relação ao período 2020/2021 e aumento de 19,7% nas terras destinadas à commodity, é estratégico e visa a buscar maior rentabilidade na produção de grãos.

Não à toa o anúncio foi acolhido positivamente ontem, na Expointer, durante o lançamento da 33ª Abertura da Colheita de Arroz e Grãos em Terras Baixas, pela Federação das Associações de Arrozéis do Rio Grande do Sul (Federarroz). O evento será realizado de 14 a 16 de fevereiro de 2023, na Esta-

ção Experimental Terras Baixas da Embrapa Clima Temperado, em Capão do Leão.

Conforme o presidente do Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga), Rodrigo Machado, o plantio de arroz no Rio Grande do Sul deverá ocupar 862,9 mil hectares, ante os 957,1 mil hectares colhidos neste ano. No sentido contrário, os produtores pretendem depositar sementes de soja sobre 505 mil hectares em áreas tradicionalmente ocupadas com o cereal, o que corresponde a 83 mil hectares a mais sobre o cultivado em 2021, principalmente na Fronteira Oeste, onde o crescimento dessa cultura será de 42%.

No cerne dessa mudança está a elevação dos custos de produção, associada a uma incerteza de valorização do arroz após a colheita. O tema foi recorrente no evento em Esteio, tendo sido abordada pela Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul) como pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (Fetag/RS).

O dirigente da Fetag, Carlos Joel da Silva, lembrou que as

dificuldades enfrentadas pelo setor arroseiro seguem um roteiro semelhante ao verificado na cadeia leiteira, que acabou por quase triplicar os preços ao consumidor neste ano sem beneficiar o produtor. “Já vimos isso acontecer antes e alertávamos naquela época. Agora a situação vem se repetindo com o arroz. Precisamos todos buscar uma solução conjunta”, disse Silva.

Mas foi o arroseiro e presidente da Farsul, Gedeão Pereira, quem deu o primeiro sinal sobre a tendência de alteração na área plantada.

“Muitos me perguntam como vamos enfrentar o problema do baixo preço do arroz. Tivemos um refresco durante a pandemia, quando vendíamos a saca de 50 quilos a R\$ 38,00. De repente, foi a R\$ 70,00 e chegou a R\$ 110,00. A resposta que dou é diminuir a área plantada. Simples assim.”

De acordo com o pecuarista, há alternativas para substituir a lavoura de arroz por produtos que têm demanda no mercado internacional, como o milho e a soja irrigada. Nesse contexto,



TÂNIA MEINERZ/JC

Em coletiva, dirigentes falaram sobre produtores multissafras

Pereira exaltou o Programa Duas Safras, concebido pela Farsul, Senar-RS, Embrapa, Associação Brasileira de Proteína Animal, FecoAgro e Associação Gaúcha de Avicultura, que tem como meta ampliar 40% a produção agropecuária gaúcha, gerando um impacto de 7% no PIB do Estado, a partir da análise das características de cada região.

“Por isso comemoro esse conceito do arroseiro como produtor multissafras, difundido aqui pela Federarroz. Para pensarmos no futuro da lavoura

de arroz temos de apostar na diversificação”, completou Pereira.

Para o presidente da Federarroz, Alexandre Velho, a ideia de um produtor multissafras, e não mais apenas de arroz é resultado da percepção da necessidade de adaptar a propriedade às culturas que mais servirem para cada caso específico.

O líder arroseiro lembrou ainda que o Programa Duas Safras chega em um momento fundamental, quando os custos de produção da atividade orizícola exigem medidas alternativas.

Conteúdo produzido pelo **Núcleo-i** para Cotribá
 Conteúdo multimídia patrocinado

Cooperativa mais antiga do Brasil tem sua história retratada em livro

Foi lançado na Casa Cotribá, na Expointer, na manhã de ontem, o livro Cotribá 110 anos. A publicação de cerca de 300 páginas narra a história da mais antiga cooperativa do Brasil, que conta hoje com mais de 8,2 mil associados.

“É uma história fantástica, nunca houve interrupção. Era uma cooperativa de consumo, hoje de grãos, e está aí com esse potencial. Faz um trabalho muito forte, principalmente, na região Sul e na Metade Sul, onde abraçou os produtores”, avalia o presidente da Cotribá, Celso

Leomar Krug, que vê o agro como a saída do Brasil.

O livro foi escrito por Enio Cezar Moura do Nascimento, vice-presidente da Cotribá, e Marcela Prass Shaefer. Nascimento avalia que o lançamento é um marco para a Cotribá e destaca que documentos escritos em 1911 foram reproduzidos nas páginas do livro.

“Queremos que o Rio Grande conheça que há um marco do cooperativismo nacional dentro do Estado”, diz o vice-presidente. Marcela frisa que o texto é claro e di-

dático. “A ideia é que a pessoa chegue em casa e leia cada dia um pouco, com calma”, esclarece.

O evento foi muito prestigiado, com o estande lotado. Entre as presenças, estavam o presidente do Sistema Ocergs, Darci Pedro Hartmann; o presidente da Fecoagro, Paulo Pires; o presidente da Cotribá, Celso Leomar Krug; e o prefeito de Quinze de Novembro, Gustavo Stolte. A obra, distribuída gratuitamente, será apresentada, ainda, na Feira do Livro de Porto Alegre deste ano.



TÂNIA MEINERZ/JC

Enio, Marcela e Celso apresentaram a publicação na Expointer



O FUTURO DA TERRA

SEMEANDO A VALORIZAÇÃO DO AGRO

A 26ª edição do Prêmio **O Futuro da Terra**, realizado pelo **Jornal do Comércio** em parceria com a Fapergs, reconhece cientistas, produtores rurais e empresas que adotam inovações no campo e que mudam a nossa vida através do **desenvolvimento do agronegócio** e da **preservação do meio ambiente**.

CONHEÇA OS HOMENAGEADOS:

Prêmio Especial
 Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas
 Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas
 Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas
 Cadeia de Produção e Alternativas Agrícolas
 Inovação e Tecnologia Rural
 Inovação e Tecnologia Rural
 Inovação e Tecnologia Rural
 Preservação Ambiental
 Preservação Ambiental
 Startup do Agronegócio

Cimélio Bayer
 Claudio Fioreze
 Dirceu Agostinetto
 Mara Grohs
 Marisa Ribeiro de Itapema Cardoso
 Manoela Bertagnolli
 Ricardo Ramos Martins
 Vinicius Farias Campos
 José Miguel Reichert
 Vanderlei Neu
 Zeit Análises Químicas



Leia a cobertura completa no JC impresso e em jornaldocomercio.com.

